Entrevista de Ricardo Goldenberg a María Elena Ángeles

Tudo começou com um mal entendido.

A revista *Hora Hagá* tinha me encomendado uma matéria sobre psicanalistas expatriados, a propósito da pergunta "*É possível ser psicanalista em outra língua que não a própria?*" Tinha argumentado com a minha editora, Lily Faria, que se existem escritores, como o russo Nabokov ou o polaco (perdão, "polonês") Conrad, que escreviam em inglês; ou o outro polonês (perdão, "polaco"), Gombrowicz, que o fazia em castelhano; ou o irlandês Beckett, em francês, ou Joyce, também irlandês, escritor em uma língua imaginária, então, pensava eu, por que não poderia haver psicanalistas a analisar em línguas que lhes fossem estrangeiras? Porque, tinha me respondido Lily, a psicanálise consiste na exploração das próprias origens, e na origem está a língua materna.

O argumento parecia de peso, e foi com esta pauta que consegui uma lista de psicanalistas estrangeiros clinicando em São Paulo. Como tenho o hábito pouco brasileiro de organizar a agenda segundo os sobrenomes, comecei com o primeiro da lista, Goldenberg Ricardo. Mando-lhe um e-mail. Não muito depois recebo uma resposta seca, curta, quase irritada: "Amanhã, 14hs, Ministro Gastão Mesquita 41**6**". Nunca fiz análise, mas me disseram que antes da primeira sessão com um psicanalista sofremos perturbações inomináveis. Assim, mesmo sendo uma entrevista, incorporei a candidata a paciente e fiquei devidamente angustiada.

Ao chegar no local descubro que não existe uma casa cujo número fosse 416. Como frequentemente acordo com a cabeça onde deveriam estar meus pés, apostei no número 41**9**. *Touché!* (ou *bingo!*, como depois soube que Goldenberg teria dito).

Trata-se de uma casa amarela no bairro de Perdizes que em nada anuncia a sua ocupação. Um lance de escadas me levou até uma porta que se abriu eletronicamente, ou, melhor, que *não* se abriu eletronicamente, já que tive que tocar pela segunda vez e recebi instruções de bater nela para que se abrisse. Um começo *a la* Jacques Tati, pensei (para evocar um francês mais divertido que o *docteur Lacan*). A sala de espera estava mobiliada com antiguidades um pouco desconexas, um tapete persa gasto e quadros que com certeza foram adquiridos ou trazidos por pessoas de gostos diferentes. Diria que aprenderam a conviver por obrigação, mas não teriam morado juntos se tivessem tido escolha. Algumas plantas sugerem um toque feminino, as revistas, (nenhuma muito recente), um toque masculino, mas nada demasiado estudado. Uma porta entreaberta dá para uma sala de atender crianças (há uma casinha de madeira sobre uma bancada). Não cheguei a sentar porque da metade de outra escada que leva para o andar superior, assoma a cabeça, quase invertida, do meu anfitrião e me faz um gesto com a mão, como quem dá uma ordem a um cachorro, para subir. No vão da escada há uma enorme aquarela de um leopardo sentado e olhando sem curiosidade aos que sobem. Depois soube que se tratava de um Hojnal[1].

Dentro da sala à qual fui convidada a entrar há dois pequenos desenhos muito perturbadores feitos com caneta preta ou com nanquim do mesmo artista. Como para contrarrestar o efeito violento e dar uma nota de cor ao lado deles há uma gravura da Maria Bonomi em vermelho e preto representando uma rotativa de imprensa. Os três quadros estão na frente do divã: uma chaise longue Le Corbusier, de couro preto e estrutura cromada. Detrás dela, a poltrona, também de couro preto, parecendo um assento de primeira classe num voo da British. Sem ainda dizer uma palavra

[1] Pintor e desenhista húngaro, restaurador oficial da capela Sixtina, no Vaticano.

Goldenberg me indica uma pequena poltrona de tecido preto na qual entendo que devo sentar.

Suponho que a usa quando escreve sobre uma pequena mesa de tampo de pedra cinzenta, granulada com pequenas manchas em diversos graus de preto, cinza e branco, com pés de aço pintados de preto fosco. A sala, contudo, não tem nada de soturna. Três das paredes são brancas, uma delas com uma janela antiruido e uma cortina clara fechada pela metade. Uma luminária de pé, feita de dois astes finos cromados que sustentam uma pequena canaleta para um tubo de luz dicrôica está acessa e outra, uma réplica branca das velhas luminárias de escritório, que viraram o ícone da Pixar, ilumina vários cadernos, livros, papeis e um notebook espalhados sobre a pequena escrivaninha que, penso, deve ter sido imaginada para servir cafezinhos e biscoitos no hall de uma empresa (*Tok e Stock*, apostaria). Suponho que a escolheu pelo tamanho. A sala é minúscula, o espaço porém está bem aproveitado. À minha esquerda, na posição em que sentei, frente a poltrona onde meu anfitrião se refestelou, como um gato na cama do dono, há uma estante repleta de livros, cadernos, pastas, revistas que me separa da porta pela qual tinha entrado e que ele trancou a chave (notei o gesto porque sou ligeiramente claustrofóbica). Claramente não se trata de uma biblioteca, mas de material de trabalho rotativo. (fiz uma nota mental de perguntar sobre seus livros). A quarta parede, atrás de mim, incluída a porta, está forrada em cortiça. Viro-me para verificar o que nunca imaginei encontrar em um consultório de psicanalista. Um enorme poster reproduzindo a capa do álbum *Sgt Pepper's Lonely Hearts Club Band*. Outro cartaz menor, emoldurado, de *Per qualche dollaro in piu*, assim, em italiano, o filme de Sergio Leone, desde o qual me olha com desprezo um muito jovem Clint Eastwood. E, sobre uma prateleira branca, pregada em cima da mesinha, um cartaz tamanho publicidade de cinema do filme

coreano *O Caçador*, de Hong-jin Na, com os rostos obscuros superpostos de duas personagens masculinas. É um pouco menos perturbador que os quadros de Hojnal, mas o contraste com o poster colorido dos Beatles, vermelho e alegre é o mesmo que existe na outra parede. Teria ele calculado a repetição do efeito, ou aconteceu por acaso? Outras duas, e muito inesperadas figuras estão coladas na parede: um Batman desenhado por Frank Miller (Prefiro Frank a Jacques-Alain[2], disse brincando, quando fiz um comentário a respeito), e seu arqui-inimigo, o Curinga, em primeiro plano fotografando o espectador: é a capa ampliada da história em quadrinhos *The killing joke*. Não pude deixar de observar que o Curinga é um psicopata e um assassino. "Também adoro *Dexter*", disse, "aliás, me foi apresentado por um paciente"[3]. Sobre a escrivaninha há uma reprodução de uma publicidade argentina de aspirina da década de cinquenta: um sorridente careca, com a cabeça cheia de pregos e parafusos representando a enxaqueca, e a legenda: *Venga del aire o del sol, del vino o de la cerveza, cualquier dolor de cabeza se cura con un Geniol*. Da mesma época, ao lado, há uma reprodução menor de outro cartaz publicitário, o da RCA-Victor: o conhecido cachorro sentado frente à vitrola confuso ao escutar "*his master's voice*" vinda da buzina do gramofone. Enfim, à sua esquerda está pregada uma foto em preto e branco de Bob Dylan, bem novo e de óculos escuros, fotografado no estúdio enquanto canta. Na parede oposta, um belo desenho feito em um traço só de grafite sobre um papel barato de rascunho azul, de uma mulher nua agachada, completa o quadro deste

---

[2] Refere-se a Jacques-Alain Miller, executor testamentário e editor das obras completas de Lacan.

[3] *Dexter* é uma série televisiva americana centrada em Dexter Morgan (Michael C. Hall), um assassino em série que trabalha como analista forense especialista em padrões de dispersão de sangue no departamento de polícia do Condado de Miami-Dade.

consultório. "Foi presente do artista, quando terminou a sua análise", explicou, ao me perceber interessada no quadro. O que fazer com esta exposição, o que diz do dono?

Embora de origem espanhola, seu sotaque não me foi familiar. Ou melhor, durante a entrevista descobri um termo freudiano que descreveria melhor minha sensação: *Unheimlich*. Uma sorte de aflição, de desassossego diante de um corretíssimo português que insistia em me fazer escutar em minha língua uma música vinda de outro lugar; ao mesmo tempo, próximo e distante. Jornalista, fui mordida cedo pelo bicho da linguagem. Nunca escondi meu encantamento diante de sotaques e regionalismos. É uma espécie de alívio saber que, embutido na fala, existe o testemunho de lugares longínquos. Há uma estrangeira em mim que o uso que ele faz da minha língua me faz escutar.

Detrás daquela fala agitada pelos bons ares *porteños*, misturada com termos em inglês (pronunciados sem sotaque! Para tornar minha experiência ainda mais inquietante), havia um homem charmoso, despenteado, de camisa vinho, calça jeans e uma bota cujo bico era mais fino que o da minha.

O golpe de misericórdia na minha expectativa de encontrar um consultório soturno, com tapetes persas e fotos emolduradas de Freud e de Lacan, algum quadro de Escher e de Bosch, foi um minúsculo bonequinho plástico de Freud, de charuto na mão, do tamanho do Pequeno Polegar, encarapitado orgulhoso na base da luminária da escrivaninha. Só podia ser uma ironia. Foi a minha primeira observação: "Não parece consultório de psicanalista..." Mas a pergunta foi dele: "Ah é? E como 'parece' um consultório de psicanalista?" "Neutro, imagino, anônimo, de modo a que os pacientes possam projetar o seu teatro interior..."

—Em primeiro lugar— responde —, o inconsciente não é um teatro, como disse há anos Deleuze, o inconsciente é uma fábrica. E, em segundo lugar, passo o dia aqui. Preciso estar entre coisas que me agradam.—

Fantástico: o objetivo não era deixar o ambiente pronto para o analisando, mas sim, convida-lo a entrar (literalmente) em um ambiente que agrada seu analista. Afinal, ele passa bem mais do que 30 minutos naquela sala.

—O inconsciente é uma fábrica?— digo —Muito bem, e o que fazer com o seis pelo nove, como produto?— Abriu um sorriso embaraçado que dizia "garota esperta" e respondeu: "Seis é o número do capeta, e me mandaram acrescentar nove na frente de todos os números de celular de São Paulo, o que me deixou bem irritado... Serve, por enquanto?"

—Serve— digo, enquanto anoto o *lapsus calami* no meu Molesquine *a la* Hemingway.

—Você vai anotar?— pergunta.

—Não, claro que não. Limitaria demais nossa conversa...

—*That's my girl!*

—...mas preciso gravar, se você não se importa: ossos do ofício.

—Certo— respondeu, não muito entusiasmado, e depois: "Vam' lá?"

—Vamos lá. Você se considera um psicanalista argentino?

—Não, apesar do sotaque, eu me considero um psicanalista brasileiro.

—Mas você se formou em Buenos Aires...

—Hm, taí o problema: o que quer dizer formar-se, no caso de um psicanalista? Eu estudei psicologia na universidade de Buenos Aires, na *Facultad de filosofía y letras*, durante os Anos de Chumbo. Tive a sorte de ter aulas com o que havia de melhor na ditas ciências humanas, antes que o Terrorismo de Estado os empurrara

para fora do país ou da universidade ou, em certos casos, como o de Walsh, o jornalista, da vida. Tive a minha primeira experiência de análise aos dezoito ou dezenove, por incentivo de uma namorada, preocupada com o fato de eu não desejá-la tanto quanto ela desejava que eu a desejasse, Você me segue?

—Sigo—.

Era uma "psicóloga", disse, sem disfarçar uma nota de ligeiro desprezo. Ou era minha imaginação?

—Era uma psicóloga, com um nome bem próximo ao de minha mãe. Uma bela mulher de trinta e poucos, com cabelo precocemente esbranquiçado que lhe conferiam um certo ar de sofisticação. Atendia na casa em que morava, no bairro de Martínez. Para subir até o consultório você devia atravessar sua sala de estar e subir uma escada atapetada. Lembro de uma vez ter enfiado o pé em um monte de cocô fresco de cachorro. Só me dei conta depois de deixar pegadas de merda desde a porta da rua até a porta do consultório. O meu constrangimento, e o gesto dela de se embalar debaixo de um poncho de alpaca, com os pés sobre a poltrona e os joelhos flexionados quase à altura do queixo, é tudo que lembro do tempo que frequentei esta moça. Estive com ela dois ou três anos. Acho que me queria bem, ou queria meu bem, o que talvez tivesse sido o maior problema deste tratamento.

Depois disso, eu já tinha recebido meu diploma de *Licenciado en psicología* e atendia dois pacientes. De favor, no consultório de minha mentora Verónica Willams, psicóloga, amiga dos meus pais. [Aqui a palavra "psicóloga" soou com outra nota]. Depois, passei a atender no meu primeiro apartamento, que era também meu consultório. Uma quitinete no vigésimo andar de um prédio novo com vista ao rio, em Acassusso. Minha cama virava um divã durante o dia. Ou, meu divã virava uma cama durante as noites, como você preferir—. Sorriu um sorriso maroto e continuou.

—Lembro do sobrenome da minha primeira paciente, e do motivo da sua consulta. Do meu primeiro paciente, em compensação, não lembro do nome, mas sim, do comentário que ele me fez um dia. Tratava-se de um bancário, jovem, porém mais velho que eu. "Cara", disse ele, "Cara, eu sei que se eu for embora te faço um rombo no orçamento". Observação destinada a furar a pose em que eu me sustentava; assim como a minar toda autoridade que eu pudesse imaginar que tinha sobre ele. Como era a estrita verdade, e não adiantava manter o *semblant* de "psicanalista experiente" e *cool*, respondi: "Sim, mas o que você ganharia com isso?" Acho que foi esta resposta que fez com que ele ficasse. Tivesse eu permanecido em silêncio, como era praxe na época (analista que é analista não responde nenhuma interpelação direta do paciente), ele certamente teria ido embora. E com razão.

"Supervisionava" (odeio o termo, mas "controle" é ainda pior) meus dois casos com Pablo Kovaloski, membro da *Escuela Freudiana de Buenos Aires*. Lembro que este paciente, caixa de banco, ficava enfurecido com os clientes que bufavam na fila —em castelhano se diz: "*los que suspiran en la cola*". Vivia falando disso. Eu disse pro meu supervisor: "deve ter problemas com as pessoas que peidam (*cola* é "rabo", além de "fila")". Ele ficou encantado de que eu escutasse esse tipo de coisa. Era uma época em que ser psicanalista consistia em isolar o significante. Eu tinha dito aquilo como uma piada, e não diria nada pro cara porque me parecia um delírio. Enfim, o caso é que o rapaz identificava aqueles clientes do banco que se irritavam por ele fazê-los esperar, e demorava ainda mais para atendê-los, de propósito. Depois da sessão de supervisão em que estas coisas foram discutidas, e sem eu ter dito uma palavra sobre os que "bufam no rabo", meu paciente começa a criticar a grossura do pai, que vivia peidando e envergonhando todo mundo. A mãe, principalmente, que reclamava, não só pelas flatulências indevidas, como pelo fato de ter sempre que ficar

aguardando por ele, que nunca estava pronto quando devia. A cena familiar e a cena do banco não tem nada em comum a não ser o bufido como sinal de irritação pela espera. *El suspiro en la cola* indica ao mesmo tempo o pai irritante e a mãe irritada. Era a mesma cobrança materna em relação ao pai, que era encenada com aqueles que reclamavam por ele fazê-los aguardar sem atendê-los. E tem mais, eu não tinha sala de espera. Meus dois pacientes interfonavam e eu os fazia subir. Só que, ele chegava sistematicamente cedo e eu o fazia esperar, canonicamente, pela sua hora no hall de entrada do edifício. Portanto, sempre entrava reclamando por eu tê-lo feito aguardar... "mesmo sem ter nada melhor pra fazer". *Como vos, a los que suspiran en la cola*, disse. Acho que foi ali que comecei a entender porquê Freud chamava a relação entre o analista e seu paciente de "neurose de transferência".

Eu mesmo tinha me tornado membro havia pouco da *Escuela*, que imitando a *École Freudienne de Paris* era a primeira instituição lacaniana da Argentina, fundada por Oscar Masotta, a quem eu não conheci porque quando entrei lá ele já tinha emigrado para Espanha. Estamos no ano de 1978. Era uma honra e um privilégio pra mim ter sido admitido nela. Naquela época não havia muitas alternativas, ou você se encaminhava para a APA, filiada à internacional freudiana —e para isso tinha que fazer medicina antes ou então, depois que abriram para os psicólogos entrar (acredito que por uma questão de mercado), dispor de uma fortuna para encarar uma "análise didática"—, ou entrava para a contestação lacaniana que, para nós, jovens e sem grana, era o futuro e a renovação de uma psicanálise estagnada e kleiniana.

Quem me entrevistou foi Enrique Millán. Ele me perguntou porquê eu queria entrar na *Escuela* e eu não sabia o que dizer. Disse o primeiro que me ocorreu: "estava aqui pensando naquela frase de Groucho Marx: *não quero ser membro de um clube que queira um cara como eu como membro*". Enrique soltou a maior gargalhada que

eu já tenha ouvido na vida: Groucho respondia isso no cartão de *recusa* aos clubes que o convidavam a ser membro; eu estava dizendo isso ao cara que me entrevistava para *entrar* no clube em que eu mesmo tinha escolhido entrar!

Este é o sintoma que me determinou a vida e de cuja transformação me ocupei de uma ou outra maneira nas análises que fiz. Primeiro, com um analista kleiniano, membro da APA; depois, com um membro da *Escuela*, que terminou quando decidi vir embora pra cá. E aqui, durante vários anos, com um lacaniano que também vinha da *École* de Lacan. Esta análise teve muita influência sobre meu modo de trabalhar e de ser analista. E, agora, estou de novo deitado em um divã lacaniano, mas esta vez meu modo de trabalhar não está em questão, ou antes, está em questão como sempre esteve, mas o motivo de eu estar outra vez dirigindo-me a uma analista, trata-se de uma mulher, é porque estou indo atrás da questão que a minha angústia me coloca.

—E você foi admitido mesmo depois de soltar aquela frase do Groucho na entrevista de admissão? Parece um conhecido meu que foi à entrevista de trabalho vestindo uma camiseta que dizia "se trabalho fosse bom, não teria esse nome". [Risos]

—Pra você ver! Acho que o Enrique me respondeu como um analista. Devolveu ao remetente uma carta que no fundo lhe estava dirigida, não a ele ou à *Escuela*. E como o remetente a tomou dele de volta pra si, sem rejeitá-la, por que não seria acolhido a uma comunidade onde questões como esta são a sua razão de ser?

Mas a minha alegria de ter encontrado minha turma durou pouco. Alguns meses depois, a *Escuela* rachou em uma briga sangrenta entre os filhos reconhecidos e os deserdados de Oscar Masotta. Os legítimos perderam judicialmente o nome e abandonaram a *Escuela Freudiana de Buenos Aires*, para fundar outra à qual denominaram *Escuela Freudiana de la Argentina*. (Não podiam largar mão da palavra: "escuela", ponto de honra lacaniano). Os bastardos, os não reconhecidos,

ficaram legalmente com o nome, mas desconhecidos pelo pai fundador. Eu fiquei com estes últimos, mas mesmo dentro deste grupo havia duas turmas. Uma de situação e outra de oposição. Eu escolhi, claro, a dos dissidentes, o que me custou um certo isolamento interno, logo no início.

—Por que "claro"? [Sorriso]

—Porque me era irresistível o apelo da oposição e porque Alejandro Ariel estava entre eles. Alejandro foi quem me fez descobrir Lacan. Ele era supervisor no Hospital de San Isidro, um hospital municipal em cujo serviço de psicopatologia eu trabalhava *ad honorem* depois de me formar. O que não era um problema porque éramos um grupo inquieto e muito interessante e interessado. Aprendi muito com aquela turma de analistas e de psiquiatras.

Mas foi na faculdade que conheci Freud. Tínhamos aula com analistas didatas da APA. Leon Ostrov, fundador da psicanálise em argentina, dava a introdução a Freud e aos pós-freudianos que se chamava "Psicologia Profunda" um e dois. Sou muito grato ao seu ensino até hoje. Mauricio Abadi, outro medalhão da APA dava aulas de clínica; Mauricio Knobel, um dos mais importantes psicanalistas kleinianos de crianças nos dava psicologia evolutiva. Eu não entrei na psicanálise pela porta aberta por eles, contudo, mas pela minha formação estruturalista, como discípulo da Emilia Ferreiro e de Rolando Garcia, que nos ensinavam Piaget, epistemologia genética e psicologia genética. Tão encantado fiquei que fui trabalhar no instituto que eles tinham fora da universidade, IPSE. Foi ali que conheci Chomsky, primeiro, e Lacan, depois. E através de Lacan me interessei em Freud. Posso dizer que o meu percurso foi "De Lacan a Freud, e retorno". Poderia ser o título de um programa de formação!— [Risos]

—Acho que é esta particularidade que faz com que eu interrogue até hoje a doutrina lacaniana de um modo diferente ao da maioria dos colegas que conheço. Ou, de outra maneira, faz com que eu tenha uma maior afinidade com o modo de interrogar a doutrina lacaniana pelos filósofos que pelos psicanalistas. O que me dá, de certo modo, uma vantagem sobre eles, porque eu tenho a experiência clínica, como analisante e como analista, que em muitos casos lhes falta—.

—Queria te perguntar, porque estamos indo um pouco longe no túnel do tempo, sobre o que significou para a tua vida e a tua prática mudar de língua, e por que foi precisamente o Brasil o país escolhido pra emigrar—.

—Por que o Brasil é fácil: depois da Guerra das Malvinas queria ir embora da Argentina, e para um lugar aonde pudesse mergulhar. Sou mergulhador, além de psicanalista, e poder estar como um peixe entre os peixes é um dos maiores prazeres que conheço...

—Mergulhar é parecido a psicanalisar, não?

—Não vejo a relação...

—Mergulhar nas profundezas do oceano e nas da alma também.

—Ah, mas aí que você se engana! A metáfora da alma profunda não é apropriada, a psicanálise investiga um fenômeno de superfície. O psiquismo é uma superfície.

—Como assim?

—Você acabou de perceber isso: o seis pelo nove está na cara. Você pode não saber o que me levou a substituir um pelo outro sem perceber, mas não é porque esteja escondido, mas porque opto por não te dizer.

—Ah, não seja tímido, diga, vai!

—Bem, algo te disse já. O resto do que me vem sobre isso digo para minha analista ou não digo, mas seja como for é tudo superficial. Como os vulcões...

(Gesto meu de: "não entendi")

—Um geólogo que conheço me explicou que, contrariamente a tudo que o povo acredita, os vulcões não são chaminés por onde jorra lava desde o centro da terra. Verne estava errado quando imaginou uma viagem ao centro da terra entrando em um vulcão extinto. Os vulcões são fenômenos de superfície, parentes dos terremotos: capas tectónicas, em fricção uma sobre a outra, liquefazem a pedra, que se transforma em lava e jorra para fora pela montanha esburacada: o vulcão é como uma espinha. [Sorriso]

—Mas, sempre pensei que se tratava de histórias recalcadas que o analista faz vir à tona. Se estão submersas, então, há uma superfície e um fundo...

—Te digo de outro modo. O que há para analisar não vem já dado, inventa-se. Inventa-se entre o paciente e seu analista, sob direção do primeiro. Sim, do paciente! [resposta a minha expressão de "não era o contrário?"] Quem decide e organiza a descida aos infernos é o analisante; cabe ao analista o papel de Virgílio naquela travessia. Mais do que *reconstruída* a partir das ruinas do passado, como pensava Freud, a história é construída a partir de um sintoma presente que é ao mesmo tempo um modo de sofrer e de estar no mundo. Sustar o recalcado nada mais é do que poder contar a própria história de outro modo. Granoff [lacaniano francês da primeira geração] dizia que só no final da análise o paciente nos fala verdadeiramente de si. Antes disso, ele é falado por todas as vozes que o habitavam sem ele perceber.

—Voltando a sua emigração...

—Eu queria ir para Austrália, para trabalhar e mergulhar lá, mas devido à guerra contra o Reino Unido, os argentinos não tínhamos como pedir visto para os

países membros do *Commonwealth*. Aí conheci uma carioca que estava de passagem por Buenos Aires e pensei, por que não o Rio? Dá pra mergulhar no Brasil.

—Você falava português?

—Não, mas gostava, gosto, da língua, e como sou meio poliglota ("poli-idiota", como diz meu pai: "fala besteiras em vários idiomas") sabia que aprenderia rápido. Não esquece que entrei nela por amor. Igual que o inglês: aprendi a falar aos seis anos porque estava fascinado por uma vizinha americana da minha idade que só falava inglês. A minha mãe percebeu e me pós numa escola bilingüe. Em todo caso, pensei que, enquanto aprendia a falar português direito, podia trabalhar com falantes de castelhano que quisessem analisar-se em sua língua. Não foi nada disso que aconteceu. Devo minha clínica aos brasileiros. Sempre serei grato pelo modo como fui acolhido pela gente daqui. E devo dizer que toda minha vida adulta como analista aconteceu nesta terra e dentro desta língua. Pensar a psicanálise para mim é pensá-la em português, ao ponto de ter alguma dificuldade para escrever sobre psicanálise em espanhol, embora me esforço para preservar ambas línguas. Quero dizer, não me rendo ao portunhol, e me dá vergonha quando sou pego em algum erro em uma língua ou em outra.

—Voltando a minha pergunta: é um problema não ser brasileiro, para a prática da psicanálise no Brasil? Como inside em tua clínica o fato de você não ser falante nativo de português?

—De certo modo é uma vantagem, porque a inevitável distância que eu tenho com esta língua me faz escutar coisas que passam batidas para os nativos. E o que poderia imaginar-se um problema, por exemplo, o fato de eu entender errado algumas palavras por não escutar nuances fonemáticas inexistentes em espanhol: vogais

abertas ou fechadas, por exemplo, não são diferenças marcadas do espanhol, como o são em português "vovô" e vovó", por exemplo; ou o fonema diferencial entre "s" e "z", que tampouco existe, ou o "ão", quase impronunciável para a maioria dos meus patrícios...

—Não para você.

—Não para mim porque me dei ao trabalho de aprendê-lo, mas acontece às vezes de eu não poder escutar a diferença entre determinados fonemas, o que favorece o mal-entendido. Mas os mal-entendidos podem sempre ou quase sempre ser aproveitados para avançar na análise da pessoa.

—Me dá um exemplo.

—Te dou um do meu primeiro ano no Brasil, particularmente ilustrativo, não só de um mal-entendido idiomático como também cultural. Eu não estava ainda familiarizado com o sincretismo religioso brasileiro, que grassa em todas as classes sociais. Então, sou convidado a um churrasco, um domingo de manhã, na chácara de conhecidos de uma amiga paulista: intelectual, de educação vagamente católica. Eu me estranho por ela não tirar os óculos escuros nem mesmo dentro da casa e ela me responde: "É pra me proteger do *olho gordo* da Fulana (nossa anfitriona)." E acrescenta, "se tirar, vou ficar com dor de cabeça. É batata!" "Mas", digo eu, "é só não comer a salada!" (que era de batata, por sinal) "Eu comi e não senti nada." Nosso diálogo, digno de Ionesco, terminou ali. Que aconteceu? Eu tinha escutado: "é pra me proteger do *óleo gordo* da Fulana", já que meu ouvido não registrava a diferença entre "ô" e "ó" e, além disso, não sabia o que "olho gordo" queria dizer (em castelhano seria *mal de ojo*). Tentei dar um sentido ao que ela me tinha explicado a partir do que eu mesmo tinha entendido. É o que fazemos o tempo todo. No caso, tentei encontrar um sentido compatível com a ingestão de um óleo demasiado gorduroso que tinha caído

pesado para minha amiga. Já que, de que outro modo podia um óleo te afetar se não fosse pela boca? Eu não tinha entendido qual era a relação entre a digestão e os óculos escuros, mas pensei que estaria incomodada pela luz, por estar com mal-estar no estômago. [Risos]

—Enfim, digo que frases feitas, dessas que são ditas sem pensar, automaticamente, e que passariam batidas para a maioria dos brasileiros, a mim me ressoam de um jeito esquisito e, em geral, são significativas para meu analisante. Por exemplo, uma paciente, heterossexual, casada com um homem, confessa sentir tesão por "outra mulher". Pergunto: "*outra*, além de qual?" E ela, previsivelmente: "como assim?" Digo: "Você *não* disse que estava com tesão por *uma* mulher, mas por '*outra* mulher'; eu pergunto: 'outra', além de qual?" Aonde chegamos com isto? Chegamos a que, apesar de ser casada com um homem, para o inconsciente, estava casada com a mãe.

—Você disse que chegou a Freud via Lacan, e depois retornou a Lacan desde Freud, é isso? (fez "sim") Poderia desenvolver este ponto?

—Eu entrei como discípulo de Emilia Ferreiro (que me chamava de "meu aluno hippie", porque ia ao curso de poncho preto e branco, cabelo até os ombros e óculos de lentes vermelhas), para estudar "epistemologia genética". Naquela época eu frequentava uma oficina literária e lia tudo que me caia nas mãos. Esta é a influência de minha mãe, que me apresentou os clássicos e os franceses; meu pai me introduziu na literatura contemporânea argentina, italiana e americana. (Um parêntese: Lembro do meu encantamento com o romance *Babitt*, de Sinclair Lewis: um homem do interior americano, da classe meia, simpatizante das ideias comunistas é completamente escorraçado pelo seu meio. Muito depois, pensei que este romance tinha me tocado tanto por dizer respeito a mim e a minha família: meu pai tinha sido

militante do Partidão na juventude; somos judeus em um ambiente antissemita. A classe média e alta argentina sempre foi terrivelmente esnobe, reacionária e antissemita. Ou seja, eu era portador de dois traços de segregação relativos à comunidade católica e nacionalista na qual me criei: na escola primária não era convidado às festas por ser judeu, mas eu não sabia disso, então, precisava dar um sentido à exclusão: é mediante operações deste tipo que se constitui o que a psicanálise denomina "sintoma". Fecho o parêntese). Além de ler literatura, eu estudava ciência e filosofia como um pesquisador sério e assumido, coisa que Emilia e seu marido, Rolando Garcia apreciavam muito. Ao mesmo tempo, estava bem no espírito sexo-drogas-rock'n'roll da época, mas me mantinha à margem da efervecência política, também da época. Não que fosse apolítico, isso faz tanto sentido como ser ateu. Apenas não estava nem aí para a militância que queria salvar "o povo" da opressão e da miséria. Adorava uma cena do filme de Antonioni *If*, em que um cara participa de uma reunião de militantes estudantis pro-revolução que fazem inflamados discursos e vão jurando que morrerão pela causa. Aí ele grita: "eu também quero morrer!" E, virando as costas e saindo: "...mas não de tédio." [Risos]

—O estruturalismo estava na moda e eu era um jovem promissor e bem "formado" nisso. (Escuta as aspas sobre *formado* porque a formação do psicanalista não deveria ser pensada com a mesma chave universitária, de acumulação de um conhecimento ou de aplicação ou domínio de uma técnica, embora, em inglês, um psicanalista que está fazendo a "análise didática" é denominado "*training analyst*"). A primeira tradução parcial do livro de Lacan *Escritos*, em Argentina, chamava *Leitura estruturalista de Freud*. Bem, eu me interessei pela leitura estruturalista de Freud, e ela veio reverberar sobre o que já tinha aprendido nas aulas de Ostrov, de Abadi ou

de, o melhor de todos, Carlos Perez (acho que se transformou em um lacaniano, não tenho certeza). Eu voltei a Freud com uma chave de leitura e com ela abri um mundo.

François Perrier, um discípulo da primeira geração de lacanianos, a melhor com certeza, porque não dependiam de Lacan para serem ou pensarem-se psicanalistas, dizia (cito de memória) que o problema não é como tornar-se analista; é ter se tornado analista que cria o problema retroativamente. Ou seja, a pergunta é: *como me tornei analista?* Ou, talvez, que quero dizer, quando respondo "psicanalista" para alguém que me pergunta o que sou?

—"Googlei" você, antes de vir te entrevistar, e há uma referência de um livro com uma mini biografia sua em que alguém (provavelmente você mesmo) escreveu: "Deitou em vários divãs, mas nomeia dois: (aí eu digo os dois nomes que tinha lido, e que não publico aqui a pedido dele)" Poderia me falar um pouco da tua experiência deitado em divãs?

—Pergunta inevitável, no fim das contas um psicanalista é aquilo que a sua análise fez dele.

—Não existe analista sem análise?

—*Stricto sensu*, não. Ninguém pode te contar sobre o inconsciente. Para ele existir tem que existir *para você*. Caso contrário é uma informação vazia, como saber que a terra gira ao redor do sol; tanto faz, poderia ser o contrário, nada muda em tua vida em um sentido ou em outro. É um saber inútil, a menos que você seja astrônomo ou algo assim. Com o inconsciente é diferente. Ou você passa pela experiência de ser dividido pela tua própria palavra, ou então teu conhecimento do inconsciente é puramente intelectual. Freud dizia que um candidato a psicanalista deve analisar-se para *acreditar* (palavras dele) no inconsciente.

—É uma questão de fé? [Sorriso]

—Sim, se entendermos por tal uma certeza apoiada em uma experiência subjetiva que não pode ser demonstrada de modo abstrato—. Levantou da poltrona e foi mexer no notebook que estava do meu lado sobre a escrivaninha. Procurava algo. Um *post* no Facebook. —Queria te mostrar um diálogo, mas não estou achando, entre duas amigas. Uma delas diz não ter certeza se alguma vez gozou. E conclui com que talvez tivesse gozado sem saber. A amiga corta: "então, não gozou. Se tivesse gozado, saberia." Você percebe?, não é questão de "se". A dúvida de uma confirma a certeza da outra: "você nunca gozou". Mas, donde retira esta última a sua convicção? Da sua própria experiência.

Agora, tenta responder para uma criança, que pela sua idade ainda não pode ter tido a experiência, a pergunta: o que é "orgasmo", mamãe? Se você não fugir da raia falando atrocidades como "quando for maior vai entender" ou coisa e tal. Depois de explicar mal e porcamente o desejo por um homem, tipo: "viu filhinha quando você gosta muito, mas muito mesmo de alguém e quer estar sempre junto?" Depois disso, você vai tentar encontrar uma experiência análoga que a criança possa ter tido para tentar dar uma intuição que preencha o conceito de "orgasmo". Mas será que "orgasmo" é um conceito? A analogia que mais vezes foi usada para "explicar" o orgasmo é... o espirro! "Viu, filhinha, quando você quer segurar um espirro e não consegue, porque o nariz está coçando demais e você não aguenta? Bom, o orgasmo é igual" Aí a menina responde: "Mãe, eu não gosto de espirrar". [risos]

—Meus analistas, então... Não queria falar deles como insígnias ou como bandeiras, mas como sinal de reconhecimento pelo que fizeram possível para mim. Como me disse alguém há pouco: são meus "antigos amores". Não direi seus nomes, então, embora não se trate de nenhum segredo. O primeiro, propriamente dito, era um membro da *Asociación Psicoanalítica Argentina*. Não tenho qualquer lembrança do

trabalho com ele, apenas que me atendia depois de almoçar e antes de escovar os dentes, digo, por um barulhinho que fazia com a língua, como se estivesse tirando comida presa entre os dentes—. [sorriso] —Talvez fosse um tique nervoso, quem sabe?—

—Que quer dizer "propriamente dito"?

—É que tinha te contado da minha psicoterapia aos dezoito...

—Na casa daquela mulher que você encheu de cocô... [Sorriso]

—Pois é. O "propriamente dito" refere-se à diferença entre psicanálise e psicoterapia.

—Tem gente que defende que são a mesma coisa...

—Tem gente que defende qualquer coisa, segundo a sua conveniência...

—Poderia me explicar a diferença, sem dar uma conferência? [Sorriso]

—Os psicoterapeutas não acreditam no inconsciente, os psicanalistas, sim.

—Ou seja, são mesmo "homens de fé"! [Gargalhada]

—Você não é fácil...

—*I wouldn't be your girl if I were*. [sorriso]

—Você *não* sabe realmente que a Terra gira ao redor do sol. Você crê no que te contaram os cientistas. A tua experiência te confirma o contrário. Para os cientistas está demonstrado que os sentidos mentem, porque confiam no método pelo qual demonstram que é a Terra que orbita em torno da sua estrela. Um psicanalista surge do seu método que lhe *demonstra* que o Eu não é senhor em sua própria casa. Por isso inclui o inconsciente em seu cálculo. Um psicoterapeuta, mesmo que afirme o contrário, não aceita esta demonstração. Em seu trabalho mostra sua convicção de que "quem sabe de mim sou eu". Esse era o problema da minha terapeuta, ela acreditava saber o que era melhor para mim. Todo psicoterapeuta é um sugestionador, um

homem de ideologia; te faz acreditar que é teu o que ele mesmo te induz a acreditar por amor ao saber... dele. Um horror!

—E um psicanalista?...

—Um psicanalista está advertido, *pela sua própria experiência com outro psicanalista*, que o único saber em jogo em esta história é o do próprio paciente, *embora ele mesmo acredite que este saber está fora dele*.

A segunda análise, propriamente dita, aconteceu com um membro da *Escuela Freudiana de Buenos Aires*. O termo da análise com ele foi a minha decisão de deixar a Argentina. Suportou inclusive algumas cartas minhas, quando eu já morava aqui. Me lembro do início da resposta à primeira delas: "Você, como sempre, me propõe novos riscos e novos modos de tropeçar..." Ele se referia ao fato de eu continuar interrogando-me através dele por carta, depois de encerrado o trabalho das sessões presenciais. Praxe teria sido não me responder. Mas ele o fez, e considero esta correspondência como uma continuação fecunda da minha análise.

Sou, sempre fui, um cultor da arte epistolar. Na emigração, nas viagens, enfim, na errância eram as cartas, muito mais que o telefone, o que me mantinha com um cabo a terra; para-ráio da angústia. Por carta podia pensar, estudar... e matar a saudade. O melhor amigo que já tive, por sua vez um grande analista, Ricardo Estacolchic, e eu mantivemos uma correspondência semanal até sua morte. Correspondência que para mim foi valiosíssima como interlocução e também como continuação de minhas lucubrações teóricas, clínicas e pessoais. Um modo de lidar com o desamparo do exílio. *Not to mention*, o humor que compartilhávamos. Reler estas cartas me faz rir, até hoje.

Minha terceira psicanálise... Esta é mais complicada de resumir. Pedi análise a um membro da extinta *École Freudienne de Paris* devido a um livro que escreveu,

claramente originado na sua própria análise, que me fez acreditar que poderia levar a experiência analítica, interrompida pela minha saída de Argentina, até seu "verdadeiro" final. Naquele tempo, eu acreditava na tese de que uma psicanálise bem conduzida devia ter um final, digamos, inerente, lógico, absoluto e inevitável. Não por nada introduzi a resposta à tua pergunta através da questão do "orgasmo"—. Sorriu, voltou a deitar na poltrona (tinha permanecido em pé do meu lado), e continuou —Hoje não acredito nada disso, embora para muitos colegas esta seja uma questão de fé crucial e decisiva, já que crêem que se você não atingiu, digamos, o clímax analítico, você não pode ser nem se dizer um psicanalista. Muitos que não chegaram a nada disso fingem ter chegado, assim como algumas mulheres fingem estar gozando para atender as expectativas dos seus amantes durante o coito; porque é o que se espera delas. Em todo caso, eu não creio mais que haja um desfecho absoluto para uma psicanálise, digamos que aderi à teoria da relatividade em psicanálise. Quanto a este analista meu... ele declarou seu livro, aquele que me trouxe para seu divã, um "pecado de juventude"—.

Fez uma pausa prolongada. Concluí que não era fumante, se fosse, este teria sido o momento de ascender um cigarro. Como por telepatia emendou assim: "Sabe o que mais lembro da época das sessões? O cheiro azedo de cigarro impregnado na tela do divã e na salinha minúscula daquele apartamento na esquina da Pamplona, onde ele atendia. Isso, e a alegria de estarmos embarcados em uma aventura ele, eu e a turma de conhecidos e amigos que se analisavam ali naquela época. Será que dá para falar desapassionadamente de uma época apaixonante e passional?" Pegou uma garrafa de água, bebeu do gargalo e comentou, como para si mesmo:

—Esperávamos demais dele, acho—.

—Em que sentido?—

—A cena psi brasileira, sobretudo a paulista, era, na época, o próprio samba do crioulo doido; o mesmo sincretismo que mistura catolicisimo, umbanda, gnomos e vidas passadas grassava no campo analítico, criando um vale tudo clínico e teórico contra o qual nossa pequena banda tentava fazer face, mais ou menos heroicamente. Ao mesmo tempo, estávamos às voltas com a ocupação colonial do millerismo, em sua etapa inicial, que precisava de massa crítica, digamos, e a encontrou cooptando analistas locais oriundos do annafreudismo, bionianismo, reichianismo ou, na melhor das hipóteses, do kleinismo, que tinham começado a ler Lacan dois meses antes e foram instituídos pela corte francesa como fundadores da escola brasileira lacaniana oficial, passando por cima dos analistas analisados por lacanianos que aqui estavam e que estudavam a obra barroca do Lacan havia décadas.

A bem da verdade, eu fui convidado, junto com meus amigos, a participar desta turma fundadora, sob os auspícios de um *petit-maître* local, que tinha caído nas graças do príncipe herdeiro do reino lacaniano francês. A maioria de nós recusou-se a participar no que nos parecia ser uma farsa comandada desde Europa: instituir analistas de cujas análises ninguém jamais saberia nada, já que disso não se falava (como poderiam?); instituí-los a dedo, dizia, como os mestres de um lacanismo brasileiro com pretensões de vice-reinado. Como te disse, nenhum deles tinha feito análise com um lacaniano. Apenas nós, mas nós decidimos não avalizar esta paródia. Foi bem mais tarde que eles começaram a viajar a Paris para analisar-se com analistas da matriz francesa. Era a estratégia colonial francesa: os britânicos punham ingleses para governar as colônias; os franceses treinavam nativos na França e os mandavam como governadores dos seus conterrâneos bárbaros. Só para te dar uma idéia do gráu de desfaçatez: uma famosa analista da Matriz comentou durante um jantar, a propósito de um paciente dela brasileiro, que hoje é um conhecido líder lacaniano,

"Estou preparando um psicanalista para o Brasil." Se eu sei disto, ele também sabe. Imagina o efeito de semelhante comentário sobre o interessado e pensa o que ele revela sobre a psicanalista que o fez...

É neste contexto que ajudamos a importar um europeu para uso próprio. Viu isso de "nossos japoneses são melhores que os japoneses dos outros"?— [risos]

—Importamos nosso europeu, então, para que nos fizesse de analista; para avançar com ele nas questões teóricas e clínicas que nos inquietavam e para instituir um grupo de trabalho sério que fosse baseado na análise dos analistas, e não numa repetição cega de aforismos vazios...—

—Você diz "nós". Quem é "nós"?

—Você quer nomes dos companheiros de rota? Não vou te dar nomes, basta dizer que éramos um bando de colegas amigos, todos bastante experientes, todos vindo de análises pessoais, todos querendo estudar e todos querendo a experiência de uma análise lacaniana, como te disse, que não fosse de faz-de-conta. Não queríamos um mestre a quem servir, mas um interlocutor dos nossos problemas teóricos e um parceiro analista que nos permitisse prosseguir a nossa formação, não baseada na filiação a uma instituição, mas na experiência analítica mesma. Ele parecia ser "o cara" para tornar aquilo possível.

Obviamente, não foi nada disso. Terminou sendo uma decepção por duas razões. Primeira, porque não passava de uma miragem: "o cara" não existe; o "verdadeiro lacaniano", tampouco. Isso, claro, não é responsabilidade de quem recebe a transferência do ideal mas de quem o transfere. Nós, no caso. Ou, melhor, eu, deixa os outros falarem por si. Segunda, porque o homem tinha a sua própria agenda, que em nada coincidia com a nossa. Depois de não muito tempo ficou claro que o projeto que tinha para si mesmo não passava por nós, e fez alianças que vivemos mais ou

menos como um petista dos anos oitenta deve ter vivido as de Lula com Maluf . Muitos largaram o divã dele ou pararam de estudar ou de supervisionar com ele. Eu continuei com a minha análise apesar disso, apesar de tudo (houve outros desencontros), o que, acho, fala bem de ambos.

A experiência com ele, em todo caso, me fez possível duas coisas fundamentais. Uma delas foi *parar de errar*. Escuta isso com as ressonâncias que quiser. Poder recolher os frutos do que tinha semeado, sem abandonar a colheita para outros. Ter um lar. Hoje, quando digo: *I'm going home* é em São Paulo que penso. Devo isso a esta análise. Poder permanecer, sem abandonar tudo para recomeçar de zero em algum outro canto. Ou seja, se hoje eu posso dizer que sou um psicanalista brasileiro, nascido em Argentina, isso é sem dúvida resultado desta análise. Soube disso o dia em que decidi fazer a minha apresentação em português em um congresso em Uruguay, lotado de argentinos. Lembro, na hora do debate, depois de responder a uma questão levantada por uma argentina em castelhano, o comentário dela: "que bem que você fala o espanhol!"

A segunda coisa importante, foi ter podido permanecer em análise, mesmo depois de a imagem idealizada do meu analista ruir, posso dizer, implodida por ele próprio. Não abandonar tudo e sair à procura do "verdadeiro analista" (que não há, nem pode haver). Disse isso para ele uma vez, deitado no seu divã: "Você está fazendo sozinho todo o trabalho de dissolução da transferência para mim. Devia te agradecer!" Ele tinha senso do humor e deu uma boa risada.

E agora, faz uns três ou quatro anos que estou mais uma vez deitado em um divã, feminino desta vez, por razões que em nada dizem respeito ao meu trabalho como analista. Análise que terminará quando terminar...

O que me decidiu a procurar analista novamente foi a angustia desencadeada por uma irrupção real inesperada. Queria me fazer ouvir mais uma vez através de alguém. Desta vez em minha língua materna. Não ter qualquer ilusão em relação a este alguém, ou seja não esperar nada além de um ponto de retorno da minha própria palavra, não deturpada pelas ideologias ou crenças do meu analista, é com certeza um enorme ganho. Se você obtiver isso já pode se dar por satisfeito. O resto é contigo, não com teu analista...

—Você se considera um analista lacaniano? Qual é a tua linha?

—São duas perguntas diferentes.

Vamos à segunda. Um colega de São Paulo, Manuel Berlinck, me disse que respondia: "de pescar". A minha linha é de pescar. Gosto da resposta. Eu já respondi: "torta", para uma pessoa que me parecia muito certinha. Mas, também, já perguntei por que saber disso era importante. Uma vez escutei, na primeira entrevista: "Aqui é Lacan, não?" Respondi: "Sim, mas não conta pra ninguém, porque estou me escondendo do pessoal de Paris". Já perguntei se precisava ter uma linha e para ser usada com qual finalidade, e recebi de volta: "ah você é um desalinhado, meu pai teria brigado com você por isso". Você vê, é um começo promissor para uma psicanálise.

Quanto a se eu me considero um lacaniano... Essa é mais difícil, porque escuto isso como se você me perguntasse se sou peronista ou torcedor do São Paulo. Ou, pior ainda, se sou ateu ou religioso. Acho que haveria que tentar perguntar isso de outro modo.

Posso dizer, por um lado, que, para mim, não haveria Freud, sem Lacan. E isso pode soar um pouco como "não haveria Newton sem Einstein" o que, de certo modo, não deixa de ser verdadeiro, porque Newton hoje é impensável sem Einstein...

Fiquei sabendo, há pouco, que uma colega , que me confiou um filho para análise, andava declarando por aí, e de modo derrogatório, que eu não era um analista lacaniano. Juro que não sei se é pra ficar ofendido ou não. Já que ela parece saber o que é ser um analista lacaniano, você deveria ligar pra ela e perguntar como é ser um analista lacaniano. Depois me conta o que foi que ela disse. Quer o telefone?—

—Quero—.

Procurou na agenda do Iphone e me entregou, em um papel arrancado de uma caderneta cheia de rabiscos e desenhos, um nome e um número. Pretendo ligar mesmo (e discutir com ele a resposta).

—Sabe? O mencionado Berlinck organizou um colóquio há muitos anos, que inclusive deu numa publicação, denominado "O que é um psicanalista argentino". Parece delirante, não?, a resposta parece evidente, não? Seria um psicanalista de cidadania argentina ou nascido em Argentina. Pois eu acho que não era nada besta, e a resposta não é para nada óbvia, já que se tratava, para ele, de responder(se) uma pergunta transferencial. Uma pergunta sobre um modo de praticar a psicanálise; um modo de conceber a psicanálise que tinha tido e continuava tendo efeitos sobre os brasileiros que, como ele, se analisavam ou estudavam com os "exilados da ditadura". Manuel era sensível ao efeito sobre os formandos e os formados brasileiros da leva de argentinos que tomou por assalto o Brasil. Um dos efeitos, e não o menor, foi uma identificação com seus analistas e mestres que fez que adotassem deles até os erros de português! Em todo caso, Berlinck organizou um colóquio para poder dizer da transferência e pensar esses efeitos.

Para te responder, então, eu deveria começar por me perguntar "o que é um psicanalista lacaniano?" E não é uma pergunta fácil porque um freudiano era alguém que acreditava no inconsciente, na teoria da libido e no complexo de Édipo. Tira um

ou os três e você deixa de ser um freudiano. Jung, por exemplo, se afastou da teoria da libido e foi anatematizado. Os denominados pós-freudianos embora aceitassem os princípios fundamentais, fizeram modificações e acréscimos ao ponto de deixar a teoria irreconhecível, mas nunca romperam com a instituição mundial freudiana, nem teórica nem politicamente. Por sinal, apenas alguém formado e diplomado por uma filial da IPA pode até hoje chamar-se de psicanalista..."

—Ou seja que você não seria um psicanalista... (Sorriso)

—Menina, você não mede as palavras!

Com efeito, eu não sou um psicanalista aos olhos da IPA e filiais. Nem eu, nem ninguém que não seja membro diplomado por eles. Mas, veja você o paradoxo, durante quase vinte anos eu cliniquei em Brasília, e membros didatas da instituição de lá, filiada à IPA, se analisaram comigo ou me mandaram seus conjuges ou filhos para análise. Tive sobre meu divã uma didata que virou presidenta daquela sociedade, e interrompeu a análise porque não tinha mais como sustentar a divisão entre a sua análise escondida e seu cargo oficial—.

—Mas, não entendo. Eles eram membros, fizeram sua análise didática, viraram eles mesmos analistas didatas. Por que pedir análise a um não-analista? (Sorriso maroto)

—O que você acha?

—Não consideravam a análise feita dentro dos quadros suficiente ou adequada para resolver seus conflitos pessoais?

—Deixa te contar uma coisa. A análise didática é compulsória e dura cinco anos a xis sessões por semana (isso muda de acordo com o estado da economia e do mercado, embora hipocritamente sempre inventam uma justificativa teórica). Tive

uma namorada que tinha feito onze anos de análise, *onze*, a razão de três sessões semanais, com um didata da associação de São Paulo. Aí decidiu que queria tornar-se analista membro da IPA. Pois bem, teve que começar do *zero* a sua análise didática, como se nunca tivesse se analisado, e *com o mesmo analista* com quem se analisara durante mais de uma década! Tudo que tinha feito até então não valia nada aos efeitos do reconhecimento institucional. Eu lhe perguntei por que queria fazer parte de uma instituição psicanalítica na qual seu próprio analista não reconhecia como análise o trabalho que ela fizera com ele durante dez anos. Só isso não lhe parecia um bom motivo para não querer ser membro da IPA? Disse que não, que para ela o reconhecimento oficial da IPA era fundamental para poder autorizar-se a exercer a psicanálise, e se o preço a pagar era fingir que não tinha feito nada para, ao cabo de mais cinco anos, receber o aval deles, é o que faria—.

—E ela era sua namorada? (risos)

—Para você ver... Sou um cara de mente aberta—. (risos)

—Você percebe que esta postura, não apenas fere qualquer bom senso, como é completamente contraditória com tudo que a psicanálise ensina sobre a responsabilidade de cada um por seu próprio desejo inconsciente, revelado pela análise. Uma vez encontrei em uma festa uma desafeta que tinha acabado de ser aceita na Sociedade de Psicanálise de São Paulo como membro. Ela estava orgulhosamente conversando com um colega que, na época, era o presidente e com o tesoureiro desta instituição, e me chamou para apresentar-me a eles como "Este é o Goldenberg, o psicanalista selvagem..."

—E você respondeu o quê?

—Eu respondi: "A muita honra, ao menos não estou dentro de uma jaula como vocês, analistas domesticados." (Risos)

—Acontece, porém, que o próprio lacanismo, que surgiu de uma cisão da filial francesa da IPA, depois de perder seu núcleo fundador, um grupo de analistas que "secessionaram" junto com Lacan, mas que foram abandonando a sua escola por razões teóricas, clínicas ou políticas; o próprio lacanismo, no fim da vida do mestre, se transformou em uma multinacional pior que a oficial freudiana. Da mão do genro de Lacan (assim como o freudismo, com a filha de Freud cuidando o legado, o lacanismo é também uma empresa familiar), único herdeiro oficial do expólio teórico e político da *École Freudienne de Paris,* foi criada a denominada *Associação Mundial de Psicanálise*, com filiais em tudo quanto é canto, tipo Citibank. Esta multinacional lacaniana realiza, na minha opinião, uma dupla tarefa: por um lado, a vingança de Lacan, que nunca deixou de querer que seu ensino fosse reconhecido por aqueles que o haviam expulso e lhe tirado o título de psicanalista didata (a negação apaixonada deste ponto antes o confirma que o infirma) e, por outro lado, uma homogeneização teórica que transformou esta instituição em uma verdadeira igreja dogmática.

Houve também (e é o que eu mais lamento) um verdadeiro expurgo stalinista dos nomes de toda aquela primeira geração a que me referia como fundadora. Obra do millerismo, que apaga os nomes e a influência dos primeiros discípulos que ajudaram a pensar e a renovar a psicanálise. Basta ler os trabalhos surgidos da AMP durante os últimos vinte anos: obras brilhantes e criativas, escritas por discípulos que não diziam *amém* (ou "amem", como você preferir) ao mestre, e o ajudavam a avançar criticamente, simplesmente não são citados porque não são lidos. E não o são porque ninguém formado no millerismo os conhece. Não sabem quem são. Nomes como Clavreul, Valabrega, Aulagnier, Rosolato, Perrier, Granoff, Pontalis, Laplanche, Leclaire, Vase e tantos outros, simplesmente despareceram, para dar lugar aos recitadores, aos rezadores da novilíngua homogeneizada por Miller.

Basta ir aos seus congressos. Tudo que você escuta é uma reza realizada em um idioma particular inventado por Lacan e normalizado por Miller, denominado *lacanês*, que todos falam fluentemente e que lhes permite acreditar não só que se comunicam como que pensam.

—Você não está sendo um pouco duro?

—Não. Cheguei ao ponto de supor que Miller odiava seu sogro pelo peso da tarefa que tinha jogado sobre seus ombros: curador e cão de guarda do seu expólio, e que seu jeito de vingar-se desta vida consagrada à obra de outro era acabar com ela. Note-se que é ele quem estabelece o Lacan que lemos, ele sozinho decide a versão final de O Seminário. O que Lacan "quis dizer" cabe a Miller determinar, sem qualquer discussão. E se confrontar versões estabelecidas por outros pode-se verificar que há derivas; em casos, como o do seminário dedicado à transferência, a distância é aberrante: não há um só Lacan, mas dois ou mais "Lacanes" que muitas vezes se contradizem. Quando esta outra versão crítica, de um grupo denominado *Stécriture*, foi publicada, Miller mandou os responsáveis pra cadeia. Mas esta versão fala por si, é uma versão crítica e anotada, com todas as referências cuidadas, como todas deveriam ser. Digamos que o melhor modo de acabar com Lacan é convencer todo mundo que ele tem um único leitor qualificado. O único a esclarecer o que o homem diz. Quem quisesse entender o *verdadeiro* Lacan precisa passar pelo crivo milleriano. No mínimo, por um estabelecimento acrítico e sem confronto com a versão de nenhum dos outros alunos. Não é por nada que seus primeiros trabalhos coletados no Brasil tenham por título: *Lacan Esclarecido*. E mesmo que não tenha sido assim e que eu esteja exagerando, quando você lê os trabalhos originados no millerismo é nítido que a maioria desistiu de pensar. Já nem fingem que tem uma ideia, apenas repetem o que acreditam que devem dizer para mostrar adesão ao grupo a que pertencem.

E vou te dizer mais. Este efeito jargonofásico me parece um defeito genético do próprio ensino de Lacan; uma espécie de doença do lacanismo e de nenhum modo originada no millerismo. Em absoluto, as duas instituições lacanianas não millerianas com ambições universais, a *Association Lacanienne Internationale*, fundada pelo Jones de Lacan: Charles Melman, e uma cisão do próprio millerismo com ambições planetárias, denominada *Fórum do Campo Lacaniano*, fundada por uma paciente de Lacan, Colette Soller, produzem miles de trabalhos idênticos. E entre as dúzias e mais dúzias de micro-instituições lacanianas da diáspora da *École* (que na medida em que não podem mais copiar nomes como "Escola Freudiana de..." portam nomes como "Custo Freudiano", "Corpo Freudiano", "Colégio Freudiano", "Coisa Freudiana"; "Traço Freudiano"...

—Por que todas usam o adjetivo "freudiano"?

—Por que "freudiano"? Porque Lacan reivindicava um retorno ao verdadeiro Freud. Verdadeiro frente ao annafreudismo, que teria sido uma deturpação do sentido da obra e da prática do Freud. Devo dizer que concordo com isso. Na década de setenta se dizer lacaniano nada mais queria dizer que ser um verdadeiro freudiano. Foi esse mote que me trouxe para dentro do lacanismo *porteño*: de certo modo olhávamos para os psicanalistas membros da ortodoxia freudiana com condescendência e desprezo: "vocês podem ser os proprietários do nome de Freud, mas os verdadeiros freudianos somos nós". O próprio Lacan disse, pouco antes de morrer, em Caracas, "Cabe a vocês serem lacanianos, eu sou freudiano".

Lacan morreu em oitenta. Apenas na última década algumas instituições se atreveram a adjetivar-se oficialmente como lacanianas: "Praxis Lacaniana"; "Ponto Lacaniano"; "Escola Lacaniana"; "Associação Lacaniana Internacional"; "Forum do campo lacaniano"... A nova aposta deveria ser de peso porque se trataria em tese de

poder assumir uma distância crítica, no bom sentido, com as toneladas de bibliografia que compõem a obra do lacanismo. Mas não há nada disso. Há apenas mais do mesmo. Enfim, todos rezam no mesmo jargão. Posso apostar que se eu te mostrar cinco trabalhos provenientes de instituições diferentes você diria que vem todos do mesmo lugar.

Claro que brilham aqui e ali não poucos diamantes no garimpo do lacanismo internacional. Não são poucos, mas, infelizmente, não suficientes para que não se deva pensar que esta degradação é um efeito endôgeno produzido pelo próprio ensinamento de Lacan, que nunca deixa de invocar, como uma das suas muitas palavras de ordem "a transmissão" (termo muito usado por Lacan que, como você deve saber, vem da religião)—.

—Então, o que é ser lacaniano... Ou melhor, vale a pena querer ser lacaniano ainda, à luz deste panorama?

—Como te disse, para nós (e por nós, me refiro a analistas da minha geração), ser lacanianos era ser freudianos pra valer. Mas não só. Era ousarmos ser criativos na hora de responder àquilo que escutávamos dos nossos analisantes. Era sermos críticos na leitura do que nos entregavam como dogmas, vindos do freudismo ou do próprio lacanismo. Adoro uma tirada do Lacan nos anos setenta: *Façam como eu! Não me imitem*. Poderíamos pensar que o "façam como eu!" seria uma exortação à mimese; um "imitem-me!" Mas, em seguida, ele explica em que consiste fazer como ele: consiste em não imitá-lo! Ou seja, façam como eu faço: não imito ninguém. Se quiserem seguir-me vão ter que por algo de vocês mesmos. Ele trabalhava com sessões ultracurtas. Isso não me convêm, nem aos meus analisantes. Será que sou menos lacaniano por isso? Acredito na eficácia dos cortes, porque a teoria da gênese

a-posteriori do sentido me parece verdadeira, mas também acho que precisa haver tecido para poder cortar; um certo tempo para urdir a trama das histórias.

Entendo que a eficácia está na redução das histórias ao seu ponto zero, para que o paciente se dê conta do momento em que inventou um destino para si a partir de quase nada; de um incidente qualquer, do qual ninguém lembra a não ser ele mesmo. A chave dos seus sofrimentos pode estar em qualquer coisa vivida ou inventada, ou interpretada por ele a partir de um fato besta, mas que acabou dando um sentido à sua vida. A paixão teleológica é a nossa doença; a infirmidade do ser humano: precisamos de um sentido para nossa existência e damos esse sentido contra vento e maré. As religiões existem por causa desta doença. Este é o *sintoma*. O sintoma nosso de todos os dias. Saber como inventei o meu quase sem perceber e poder descolar dele é o maior grau de liberdade a que posso aspirar, e uma psicanálise deve poder dar-me isso. Se não me der isso, não serve pra nada.

Não penso que o psicanalista deva ser maternal com seus analisantes, mas penso que você precisa ser sensível ao sofrimento e à angústia de quem se analisa com você, para que seja viável atingir esse ponto em que o sintoma não lhe seja mais necessário, ou, então, que ao se dar conta de que foi inteiramente construído em cima de um fato contingente da sua vida, deixe de pensar que está escrito como seu destino nas estrelas desde sempre. Não tem "eu sou assim", tem "eu me fiz assim" e preciso ou me responsabilizar por isso ou inventar outra coisa que me sirva. Ser lacaniano, no que me diz respeito, coincide com ser psicanalista, ponto—.

—Pode me dar um exemplo da liberdade ou da criatividade a que você se refere... (Sorriso)

—Existem *standards*, padrões, uma psicanálise-tipo, realizada em um enquadramento-tipo; com uma condução-tipo, decidida a partir de um diagnóstico que

te permite encaixar o teu paciente em um tipo clínico, Você não vai intervir do mesmo modo frente a uma psicose ou a uma neurose, por exemplo, precisa decidir com qual das duas estruturas está lidando. Este tratamento padrão não foi inventado por Freud, que fazia o que ele achava que devia fazer, sem temor a equivocar-se, mas por discípulos seus preocupados em como treinar os psicanalistas por vir—...

Interrompeu a frase, levantou de supetão e ordenou, mais do que propôs: "Vamos tomar um café e continuamos a conversa fora daqui? Cansei desta sala por hoje."

Saímos do consultório e descemos 300 metros de uma ladeira íngreme até a avenida Sumaré, onde viramos à esquerda e ainda caminhamos outro quarteirão até um café simpático onde ele pediu para mim, sem me perguntar, uma mousse de chocolate, uma taça de vinho tinto e uma água sem gás (não aprecio particularmente o chocolate, mas não teria deixado de comer, porque gosto de um homem que pede para mim, sem me consultar). Para ele pediu uma torta de limão e um café, que deixaria quase sem beber ("não gosto de café, mas não consigo evitar pedir", disse, quando fiz observar que não o tinha bebido "acho que penso que deveria gostar...afinal, vivo na terra do café"). Retomou a conversa com grandes gestos (esqueci de dizer que ele fala com as mãos; é judeu, mas poderia ser italiano), intercalando pausas em que olha direto nos meus olhos, momentos em que parece encarar o fluxo de carros na avenida lá fora (se não soubesse que está prestando atenção, diria que viajou para outro lugar), e curtos instantes em que abaixa as pálpebras, como embaraçado, como se não conseguisse sustentar meu olhar. Fiz uma observação sobre isso, até imitei seu gesto de abaixar os olhos e ele sorriu (e abaixou os olhos) enquanto dizia: "é um traço de família: odeio quando sou flagrado em fotografias de olhos baixos. Na época da escola, treinava para não abaixar os olhos quando chegava nas meninas, tinha

aprendido que se olhasse em cima do nariz delas, entre os olhos, o efeito era idêntico ao de olhar olho-no-olho, mas quase nunca conseguia..."

—Estávamos em que Freud não inventou os *standards*...

Sorriu perante a minha pronúncia-deboche da palavra inglesa que ele tinha usado mais cedo.

—Freud não inventou o comportamento-padrão do psicanalista, mas se você queria ser psicanalista você devia antes de mais nada *parecer* psicanalista. Eu sou da época em que isso consistia em se vestir de um modo neutro, sempre com a mesma roupa e trabalhar em um ambiente acolhedor mas que não denunciasse nada dos seus gostos ou preferências pessoais. A idéia é que o psicanalista devia apresentar-se como uma não-pessoa; uma tela em branco na qual o paciente projetasse as suas fantasias edípicas. Existiam também modos de falar e até o tom devia ser controlado para não manifestar nem alegria, nem raiva nem nenhuma afeto ou cor que traíssem o efeito que o paciente produzia em você. Esse efeito tinha o nome de contra-transferência e toda a arte consistia em controlá-lo e servir-se dele como bússola do inconsciente do outro.

Lacan pôs isso tudo de pernas pró ar com uma liberdade tal que para a primeira geração de pacientes e alunos isso funcionou como uma libertação da rigidez das regras que tinham aprendido e que eram sine-qua-non. Para te dar uma idéia do quê tínhamos que nos libertar te conto a seguinte anedota: supervisionei meu primeiro paciente criança com Arminda Aberastury, pioneira da psicanálise kleiniana aplicada às crianças em argentina. Era uma magnífica analista de uma intuição formidável, mas também de uma rigidez tirânica quanto ao enquadramento do dispositivo analítico. Bem, eis que ela se recusou a escutar o que tinha se passado entre mim e meu paciente mirim porque ficou sabendo que tinha esquecido de por um casal de animais

selvagens na caixa de jogos que tinha oferecido como material de expressão do inconsciente do meu paciente de cinco anos. Era assim com os adultos também.

O freudokleinismo sempre foi bastante tolerante às inovações teóricas (desde que respeitassem as três colunas de sustentação de que tinha te falado mais cedo), mas era completamente intratável quanto às inovações técnicas. A técnica era e devia permancer padrão, para evitar o vale-tudo. Para fazer face às críticas da sociedade de que a psicanálise não era científica, era necessário fazer direito e que parecesse coisa séria. Todos éramos os guardiões do legado de Freud, sempre prestes a ser sujado pelos seus detratores, e como a mulher do César, não bastava que fossemos honestos, devíamos parecer honestos.

Muito bem, o lacanismo foi como uma lufada de ar fresco neste ambiente rarefeito, mas os lacanianos já tarimbados também começaram a ficar preocupados por controlar minimamente a Casa da mãe Joana em que a fórmula do Lacan "o analista só se autoriza de si mesmo" tinha transformado o lacanismo. (Parêntese: esta fórmula é sinal da liberdade a que me referia e que é o melhor do ensino do Lacan: se o que te autoriza a ocupar o lugar e fazer a função do analista é a tua própria experiência como analisante, então, ninguém vindo de fora poderia te dizer "tu estás apto para praticar a análise". Fecho o parêntese). Paradoxalmente, o cerco foi fechado não sobre a técnica, que continuava sendo um "cada um por si e Lacan contra todos", mas sobre a teoria. A teoria que sustentava a prática era inamovível, e os lacanianos viraram, e continuam até hoje, talmudistas gastando a vida sobre uma expressão do mestre. *Decifra-me ou devoro-te* era (e é) o que os lacanianos escutam como a voz originada na esfinge dos *Escritos* e do *Seminário*. Por isso, quando chegou um avalizado pelo próprio mestre, que disse "eu serei o intérprete do oráculo lacaniano para vocês!", foi (e é) adorado como um messias.

Isso, eu não posso aceitar. Não repito o que não entendo, e não uso o que não me serve clinicamente para nada. Lucubrações metafísicas, fantasiadas de palavra divina do lacanismo oficial. Oficial e ortodoxo porque, paradoxalmente, Lacan que foi um iconoclasta e um heterodoxo, conseguiu gerar uma legião de repetidores e guardiões de uma ortodoxia lacaniana. Por exemplo, é corriqueiro escutar coisas como "porque Lacan disse, no seminário XI, que o *Vorstellungs repräsentanz* (quem cita o termo em alemão não fala alemão, mas cita em alemão porque Lacan, que sim lia alemão, o citava em alemão!) é o S2" E o outro, se for um verdadeiro talmudista há de lembrar que Lacan disse, quatro anos depois "ah mais vocês não entenderam nada o *vorstellungsreprasentanz* de freud é o S1". Houve uma época em que eu intervinha em debates bizantinos como este, mostrando que cada afirmação estava no contexto de um problema diferente e que não era nem uma coisa nem a outra, ou então, fora de contexto, era as duas ao mesmo tempo, ou nenhuma. Mas isto reflete a necessidade de encontrar um ponto firme, um porto seguro em uma obra que sempre foi um *work in progress* e que nunca anotou a sua ultima palavra, a não ser com a morte do autor.

Enfim, encurtando: você estuda e se analisa para poder dar a resposta que a situação analítica exige, não para aplicar as normas de um *setting* freudiano ou um *anti-setting*, tão pernicioso quanto, lacaniano: sessões de dez minutos, respostas agressivas, nenhuma resposta, manipulações, enfim, o que a lenda diz que o mestre fazia e, depois dele, todo mundo imita. Imita a lenda, claro. Um amigo meu deu um murro na cara do analista, depois que ele enfiou a mão no seu bolso para tirar-lhe o dinheiro do pagamento. "É a ultima vez que tu bota a mão no meu bolso", advertiu. E a resposta do seu lacanianoanalista foi: "mas Lacan fazia assim, oras!" Há outros e outras que, em nome de Lacan (assim como se diz em nome de Deus), manipulam

vida e milagres dos seus analisantes, induzindo o contrário do que uma analise deveria induzir; ou seja, incrementando a servidão voluntária dos pacientes, que já é o próprio do neurótico.—

—Você acabou não me dando um exemplo da ruptura do *setting*, como resposta ao que o paciente requer naquele momento.

—Ok, te conto. Antes de atender aqui, atendia em uma sala em uma casa chiquérrima na zona residencial, perto daqui. Uma casa com um enorme jardim e com piscina. Eu atendia um garoto de nove anos que vivia me xingando de tudo quanto era nome. Um filho da nossa classe dominante que me tratava como um dos empregados da fazenda. Lembro que eu o chamava de "sinhozinho". Chegou uma hora que se fez muito difícil trabalhar com ele. As sessões se limitavam a escutar suas gozações sobre minhas coisas: minha roupa, meu carro, meu relógio ou meu *walkman* (vinha de uma família rica e portanto o dele sempre era melhor maior ou mais caro que o meu, seja o que for); ou então me xingava sem razão alguma, com os insultos mais ofensivos que conhecia.

Ele era o caçula temporão de uma família com três irmãos bastante mais velhos que o tratavam como café-com-leite, uma mãe que o adorava e o mimava como um bebê, e um pai-herói que não estava nunca em casa, e quando estava só dava atenção pros irmãos. Eu tinha tentado dizer algo disso para ele sem o menor sucesso.

Até que um dia enchi da xingação toda e fiz o seguinte: Como na época eu treinava *full-contact*, tinha na minha sala dois pares de luvas (aquelas luvas parecidas com as de boxe). Disse pra ele que já que queria brigar comigo íamos brigar pra valer. Entreguei um par de luvas pro garoto; calcei o segundo, saímos no quintal e caímos na maior pancadaria perante o espanto dos colegas com quem eu dividia a casa e a

secretária que, soube depois, perguntou pra um dos meus colegas se deviam chamar a polícia. É claro que eu não pretendia machucar o rapaz, mas também ficou claro que estávamos lutando mesmo. Quando ele decidiu que já estava de bom tamanho, encerramos a briga. Nunca mais me xingou ou tirou sarro das minhas coisas e a partir dali, diria, a análise dele entrou em sua fase final.

O que tinha acontecido? Foi meu modo de tratá-lo como gente grande, com respeito, como ele estava pedindo. Eu não fiz com ele o que os irmãos ou o pai faziam, jogar de faz-de-conta, tratá-lo como café-com-leite. Eu lutei com ele de verdade. E isso valeu por todas as interpretações da sua posição que antes não tinham chegado a destino. Mas, convenhamos, que não é lá um tratamento muito ortodoxo da transferência!— (Risos)

—Enfim, não sei que mais te dizer, a não ser que, como analista, você é o que a tua análise fez de você, nem mais nem menos. Mas a tua análise, por sorte, não se confunde com os analistas que você teve. Fazemos análise apesar de nossos analistas. Um analista é bom quando não atrapalha demais o teu trabalho e quando, na hora que emperra, não se sai muito mal indicando o teu ponto de detenção. Eu nunca trabalhei do mesmo modo como meus analistas trabalharam comigo, nenhum deles. E isso, fala bem de todos eles: não terem induzido uma identificação em mim. As pencas de colegas visivelmente identificados aos seus respectivos analistas, ao ponto de você poder reconhecer com quem um ou outro se analisou, pelo modo de agir e de falar é patético, e certamente uma evidência do fracasso relativo daquelas análises.

Em suma, se lacaniano quer dizer estar disposto a pôr o inconsciente do outro a trabalhar, para ele encontrar através do resultado uma saída para seu sofrimento, então, sou lacaniano. Se lacaniano quer dizer que para poder percorrer este caminho preciso estar ali não só de alma, mas também de corpo, porque senão nada vai

acontecer (a psicanálise não é uma sessão de reflexão, é uma experiência vivida concretamente e até o limite, por ambos participantes), então sou lacaniano. Se lacaniano quer dizer que você tem que inventar um modo de isso acontecer, que não pode ser padronizado porque não funciona igual para duas pessoas, então sou lacaniano. Se lacaniano quer dizer ser um leitor ávido e crítico de tudo que se produz na cultura que me toca viver, então sou lacaniano.

Hoje um paciente, provavelmente psicótico, me disse: "ambos sabemos que nada vai mudar, e que eu nunca vou sair do sofrimento em que estou: você sabe e eu sei." Respondi que se de veras pensasse isso, já teria dito pra ele e teria tentado pensar em uma outra abordagem para ajudá-lo. Ele ficou muito, mas muito surpreso com a minha resposta. Disse que jamais teria imaginado que fosse dizer isso. "Ainda penso", acrescentei, "que você pode *inventar* um modo de se virar com X (o sintoma de que se queixa), que te permita viver de outro modo. Inventar quer dizer que não existe ainda e que deve ser construído. Espero poder te ajudar nisso, mas não saberia inventar por você, em teu lugar" —.

Depois disso conversamos sobre cultura e religião e sobre a “necessidade” dos mitos, perguntei se acreditava em Deus. Me disse que não, mas que isso não fazia a menor diferença, porque as posições humanas em matéria de religião seriam, segundo ele, duas: *acredito que acredito*, postura de um crente, ou bem, *acredito que não acredito*, postura de um incrente. O ponto radical de um verdadeiro ateísmo, acrescentou, "é chegar a descobrir o que você acredita sem saber; ou seja, conhecer as tuas determinações ditas inconscientes. É a única liberdade a que um homem pode aspirar, e a psicanálise deveria servir para levá-lo até ali." Perguntei o que significava "acreditar sem saber" e me deu como exemplo uma pessoa que afirma não ser

supersticiosa, mas se cuida para não passar nunca embaixo de uma escada. Perguntei se ele sabia em que acreditava e me respondeu: “Acredito no acaso”.

—Há caso?—

—Sim, há-caso. *Caso* contrário: qual seria a graça?

Nos despedimos na porta do Café. Pedi o número do seu celular.

—83**9**5-3030— disse.

Quando descia rumo ao ponto de taxi, me chamou de volta: "Liga para mim!", pediu, "assim fico com teu número gravado". Liguei.

No meu ouvido: *Esse número de telefone não existe, verifique o número discado ou...*

—Você me deu teu número errado!— (Gargalhada)

Ali estava o *nove* perdido na minha chegada.

Era para ser um *seis*, claro, mas esta vez não precisava de associações nem nada. Estava demonstrado em ato, como ele teria dito, o tal de “efeito sujeito”.

María Elena Ángeles é repórter da revista *Harper* de Nova Iorque, graduada em jornalismo pela *Auburn University* (*School of Communication and Journalism*), trabalhou nos jornais *O Globo*, do Rio de Janeiro e *Página 12*, de Buenos Aires